

Representações do Jornalismo Político: Poder e Intriga em *House of Cards*¹

Bárbara SIER²

Giovanna MOZELLI³

Isabela MAIA⁴

Pablo NASCIMENTO⁵

Mozahir SALOMÃO⁶

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas, Belo Horizonte, MG

RESUMO

Frequentemente protagonistas de ficções audiovisuais exercem a profissão de jornalista nas histórias. No seriado norteamericano *House of Cards*, além de importantes personagens cumprirem o ofício, o jornalismo influencia os desdobramentos da trama nas cinco temporadas já lançadas. Tendo em vista a atualidade das discussões sobre a relação entre o jornalismo e o mundo político, também ilustradas no seriado da Netflix, buscou-se neste trabalho perceber como é a representação do jornalismo político em *House of Cards*. Por meio de uma análise de conteúdo, percebeu-se que a profissão aparece na trama de três maneiras: a) os bastidores da notícia, ou seja, como ela é determinada e produzida; b) por referência constante ao noticiário e c) a mídia como o próprio lugar do acontecimento.

PALAVRAS-CHAVE: House of Cards; jornalismo, jornalismo político, séries.

INTRODUÇÃO

A série *House of Cards* aborda as relações entre o jornalismo e a política por meio de uma instigante narrativa audiovisual. Adaptada de um romance do escritor Michael Dobbs pelo diretor Beau Willimon, a série de 2013, produzida pela Netflix (HOUSE OF CARDS BRASIL, 2016), é um drama ficcional político estadunidense que conta a história de Frank e Claire Underwood, um casal ambicioso, e sua escalada ao poder. Apesar de o pano de fundo ser, principalmente, a Casa Branca, a história conta com a presença constante da mídia e, particularmente, de alguns jornalistas específicos que funcionam como peças fundamentais para o desenrolar da trama. *House of Cards* permite, portanto, que a imagem do jornalista político seja observada a partir das representações que a série

¹ Trabalho apresentado na IJ 1 – Jornalismo do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Bacharel em jornalismo pela PUC Minas, e-mail: barbarassier@gmail.com

³ Bacharel em jornalismo pela PUC Minas, e-mail: giovannamozelli@gmail.com

⁴ Bacharel em jornalismo pela PUC Minas, e-mail: isabelamaiajn@gmail.com

⁵ Bacharel em jornalismo pela PUC Minas, e-mail: contatopablonascimento@gmail.com

⁶ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da PUC Minas, e-mail: mozahir@uol.com.br

propõe e das relações que são construídas entre os agentes midiáticos e políticos.

Extração de nosso trabalho de conclusão de curso⁷, este artigo busca refletir sobre as representações acerca do jornalismo e do trabalho do jornalista no âmbito das ficções. Assim, tomando como ponto de partida que os limites éticos e a influência do jornalismo na cobertura da política e seus desdobramentos em uma sociedade são temas de atenção e interesse recorrentes tanto na ficção quanto na própria pesquisa em comunicação, entendemos que a eleição da série *House of Cards* para análise mostrou-se muito potente, haja vista que o trabalho jornalístico, as relações com as fontes e os impactos da mídia nos acontecimentos políticos são elementos propulsores do desenrolar da série.

Este artigo está dividido em três partes. Inicialmente, em *Jornalismo e suas representações ficcionais*, detemo-nos na discussão acerca das narrativas de ficção seriada e outras produções audiovisuais que, assim como *House of Cards*, unem aspectos representacionais do jornalismo e política. Em seguida, em *Jornalismo em House Of Cards*, discute-se como o jornalismo está presente nas temporadas da série, a partir de três perspectivas aqui demarcadas. Para compreender e analisar as representações do jornalismo político apresentado pela série, faz-se necessário considerar a prática do jornalismo político nos Estados Unidos, que não pode ser considerada a mesma do Brasil. Há cenários sociais e políticos que devem ser levados em conta, já que as situações às quais os profissionais são expostos certamente influenciam a cobertura midiática. Por fim, desenvolvemos a análise de *House of Cards*, a partir da análise de conteúdo, observando como se desenrola a trama da série.

De acordo com Lozano, citado por Barros e Duarte (2014), a análise de conteúdo é sistemática porque se baseia num conjunto de procedimentos que se aplicam da mesma forma a todo o conteúdo analisável. É também confiável - ou objetiva - porque permite que diferentes pessoas, aplicando em separado as mesmas categorias à mesma amostra de mensagens, possam chegar às mesmas conclusões. (BARROS e DUARTE, 2014, p. 286)

Para analisar *House of Cards* definimos quatro categorias que evidenciam a forma como o jornalismo é representado na série. São elas: o jornalista como ator social, representações sobre o jornalismo, relação entre jornalista e fonte e discursos sobre a temática da ética jornalística. Observou-se que na categoria o Jornalista como ator social como o comportamento profissional dos jornalistas interfere nos acontecimentos da

⁷ TCC apresentado em Dezembro de 2017, ao Curso de Jornalismo da PUC Minas.

sociedade e as consequências que o conteúdo publicado causa na vida dos personagens na série. Na categoria seguinte, Representações sobre o jornalismo, relatamos como o ofício do jornalismo aparece em cada temporada - se por meio das redações jornalísticas, de noticiário televisivo ou de assessoria de comunicação.

Em Relação entre jornalista e fonte, averiguamos como o jornalista político se relaciona com suas fontes na série. Situações como relações amigáveis e de interesse, trocas de informações e favores foram observados neste item. Por fim, na última categoria, Discursos sobre a temática da ética jornalística, a proposta é verificar como os jornalistas de *House of Cards* se relacionam com a ética da profissão e qual a postura escolhida por eles durante momentos chave na série.

1. JORNALISMO E SUAS REPRESENTAÇÕES FICCIONAIS

Travancas (2001) entende que o jornalismo é uma das profissões mais representadas no cinema. Para ela, na maior parte dos filmes que contam com jornalistas entre os personagens, este ofício é simbolizado por meio de dois estereótipos contrários: ora os profissionais da imprensa ocupam o papel de vilões que fazem de tudo para conseguir um "furo" jornalístico, ora assumem o posto de heróis que trabalham em prol da sociedade.

É possível afirmar que o cinema colaborou com a construção de uma imagem, ou melhor, de algumas imagens do jornalista; representações que certamente influenciaram na escolha profissional de futuros repórteres. Mas qual jornalista o cinema privilegiou em suas produções? Herói e bandido estiveram presentes em diferentes filmes e períodos. (TRAVANCAS, 2001, p. 1).

Para a autora, nos filmes, como supracitado, o jornalista desvirtuado, independentemente da editoria em que trabalhe, é aquele considerado inescrupuloso que é movido apenas pela vontade de satisfazer os interesses próprios que, muitas vezes, estão estreitamente ligados ao ego do indivíduo. Já os jornalistas que ela chama de "heróis" são os envolvidos com as causas humanas e preocupações sociais - o que para ela se enquadra na definição de homem público⁸, de Sennet.

⁸ Para Sennet (1988), o homem público é aquele que se preocupa com o bem comum e, por conseguinte, com o funcionamento da sociedade, assim como se comportavam os moradores do antigo império romano. O autor considera que o homem público se difere do indivíduo moderno, uma vez que este age centrado nas relações pessoais.

Essa relação fica clara no filme "Todos os Homens do Presidente" (ALAN PAKULA, 1976), que conta a história da suspeita de espionagem ilegal e abuso de poder que culminou na renúncia do ex-presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon. A história, que é baseada em fatos reais, mostra o dia a dia dentro de uma redação de jornal impresso. A narrativa, bem como a queda de Nixon, teve como pontapé inicial um suposto assalto, no dia 17 de junho de 1972, ao Comitê Nacional do partido Democrata, instalado no edifício *Watergate*. Após meses de investigações, os repórteres Carl Bernstein e Bob Woodward, do jornal *Washington Post*, perceberam ligações entre a invasão à sede Democrata e personalidades ligadas à Casa Branca. Com a ajuda de uma fonte não identificada, apenas autodenominada de "O Garganta Profunda" os dois jornalistas desvendaram um esquema ilegal realizado para beneficiar a reeleição de Nixon e, segundo as investigações, o então presidente tinha ciência das operações realizadas. Entre as falcatruas descobertas, estava a instalação de aparelhos de escuta na sede do partido oposto. Sobre a atuação dos repórteres do *Washington Post* neste caso, Travancas (2001) ressalta que "é o personagem do jornalista sendo construído intimamente ligado ao papel e a função do policial, do investigador, associação frequente na representação do jornalista no cinema".

Outra produção cinematográfica que une jornalismo e política é "Salvador - O martírio de um povo" (OLIVER STONE, 1986). O filme é baseado na história do fotojornalista Richard Boyle e conta sua trajetória quando ele e outros repórteres vão cobrir a guerra civil em El Salvador. A cobertura de Boyle e dos outros jornalistas é questionável, uma vez que trabalham apenas por dinheiro, ignorando questões éticas e de direitos humanos envolvidas no conflito. Na busca por se tornarem o novo Robert Cappa (reconhecido fotojornalista de guerra), deixam de lado o compromisso com a informação. O filme problematiza o papel do fotojornalista no conflito e coloca em xeque suas motivações, tendo como pano de fundo o conflito político em El Salvador.

No campo da ficção seriada, essa relação - muitas vezes conflituosa - entre a política e o jornalismo é representada por uma minissérie que serviu de base para a produção do seriado tido como objeto de estudo deste trabalho. A minissérie britânica, também chamada *House of Cards* (ANDREW DAVIES, 1990), relata as falcatruas realizadas por Francis Urquhart (Ian Richardson), um membro do Partido Conservador que se revolta contra o líder do partido após não receber um cargo de confiança no novo governo. Sentindo-se traído, Urquhart se mostra um homem manipulador e frio que está

obstinado a chegar ao posto de Primeiro Ministro do Reino Unido. Para isso, ele não se mostra receoso em prejudicar correligionários e tomar atitudes ilícitas.

2. JORNALISMO EM *HOUSE OF CARDS*

O jornalismo é tema e, pode-se dizer assim, uma *personagem* muito presente na série *House of Cards*. Pode-se afirmar que ele aparece na narrativa, de forma significativa, em três perspectivas diferentes: a) Os bastidores da notícia, ou seja, como ela é determinada e produzida; b) por referência constante ao noticiário sempre que algum acontecimento importante ocorre ou deve ser repercutido e c) a mídia como o próprio lugar do acontecimento.

No episódio piloto da série, a jornalista Zoe Barnes começa sua relação promíscua com o congressista Frank Underwood. A repórter entra em contato com Frank por *e-mail* para falar sobre uma foto tirada em um evento em que o então deputado aparece olhando para a calcinha dela. Por meio de um acordo de “admiração mútua” - nas palavras da jornalista -, os dois iniciam um contato próximo que é um verdadeiro jogo de interesses.

Underwood vaza informações que podem render bons furos jornalísticos a Zoe e ela, ao publicar fatos até então inéditos, ganha prestígio e visibilidade profissional. Fica evidente que a ligação dos dois é baseada em chantagens. O sexo também passa a fazer parte da conturbada relação profissional que é antiética entre a jornalista e o político. Zoe Barnes permanece como uma figura central na narrativa da primeira temporada, movimentando o cenário político com seus furos jornalísticos e, por causa disso, ascendendo na carreira.

A jovem repórter chama atenção da direção do *The Washington Herold*, jornal impresso em que trabalhava, mas é desacreditada e criticada pelos colegas de redação mais tradicionalistas. Após sucessivos embates com editores do jornal e de ser elogiada publicamente e participar de programas de TV e rádio de outras empresas de comunicação, Zoe é demitida. Ele encontra no site de notícias *Slugline* o trabalho ideal que ela buscava: liberdade editorial e um espaço despojado. Porém, antes de assinar o contrato, ela consultou Underwood sobre a mudança, uma vez que ele era sua única fonte de peso.

Outra representação dos bastidores da notícia, ainda na primeira temporada, acontece com o deputado Peter Russo quando ele, persuadido por Underwood, decide

candidatar-se a governador da Pensilvânia. Com o passado recheado de drogas e prostituição, ele treinado quanto ao que falar e o que esconder da imprensa.

Em diversos momentos, a série utiliza o noticiário para mostrar a reação dos personagens à publicação de determinada informação. Observa-se que nessa referência constante ao noticiário, a série trata o que é veiculado na TV como a opinião do público, como se a televisão ditasse o posicionamento popular. Por exemplo, quando Frank quer que Catherine Durant seja nomeada Secretária de Estado, ele pauta Zoe sobre o assunto e diz para ela divulgar que Durant é o nome que sugerido pelo presidente. Após a publicação de Zoe, todos os noticiários começam a falar sobre a trajetória de Durant e avaliá-la para o cargo, fazendo com que o chefe do Executivo, de fato, a escolha. Afinal, se a televisão falava tão abertamente sobre essa boa escolha, significava que a população também a aprovaria.

O jornalismo também é representado em *House of Cards* em situações em que a notícia é o próprio acontecimento. Após uma sucessão de furos obtidos ou criados por Underwood, Zoe Barnes atrai a atenção da imprensa para si e o próprio fato de ela publicar notícias vira um acontecimento. Assim, Zoe é convidada para falar sobre suas reportagens em rede nacional. Diante desses fatos, Tom Hammerschmidt, o então chefe de Zoe no *The Washington Herald* chama atenção da jovem: “o seu trabalho é dar notícias, não ser a notícia”.

Neste contexto, vale a pena recorrer aqui a noção de Adriano Rodrigues (1993) de meta-acontecimento. Para o autor, os meta-acontecimentos “são enunciações performativas que realizam aquilo que enunciam pelo fato de o enunciarem. Não são puras as constatações do estados de coisas previamente existentes sujeitas à prova da verificação dos fatos; produzem realmente um novo estado de coisas.” (Rodrigues, 1993, p.30).

A segunda temporada de *House of Cards* inicia-se com Zoe e outros dois amigos empenhados em desmascarar Underwood. Porém, durante um encontro com o legislador, a jovem é jogada em frente a um trem em movimento e morre. Para ele, a morte da repórter representava o fim de notícias contrárias a ele e de possíveis escândalos.

Durante toda a segunda temporada, o jornalista Lucas Goodwin, aparece abalado com a morte de Zoe com quem havia iniciado um namoro no final da temporada anterior. Ele recorre a fontes que tem na polícia, a amigos editores, mas acaba sendo apenas mais um jornalista massacrado pelo agora vice-presidente dos Estados Unidos, Frank

Underwood. Com a ajuda de Doug Stamper e do FBI, o político consegue fazer com que Goodwin seja preso e deixe de representar um perigo. Mais uma vez, a notícia é abafada.

Com a morte de Zoe e a prisão de Lucas, a figura do assessor de imprensa passa a ser central na divulgação de notícias e vazamento de informações do interesse de Underwood. Isso acontece, por exemplo, quando Frank quer que empresário Raymond Tusk seja investigado e, para isso, fornece informações anônimas à jornalista Ayala Sayyad, que já apurava o assunto.

O jornalismo na terceira temporada de *House of Cards* é marcado, principalmente, pelas coletivas de imprensa. Como Frank se torna presidente dos Estados Unidos, praticamente toda vez que deseja dizer algo à imprensa ou pautar algum assunto, convoca um encontro oficial com os jornalistas. Algumas vezes o secretário de comunicação Seth Grayson ou a então primeira-dama, Claire Underwood, são os porta-vozes e falam em nome do presidente. Frank e sua equipe de comunicação preocupam-se bastante com o que é noticiado sobre ele e presidência. Com isso, ele acaba sendo pivô de casos de censura. O controle do conteúdo divulgado pelos jornalistas que cobrem a Casa Branca é feito por Grayson de forma vigorosa. No episódio quatro da terceira temporada, por exemplo, o secretário recolhe a credencial de cobertura da repórter Aylan Sayyad após ela questionar veementemente Underwood, durante uma coletiva, sobre o projeto *American Works*, considerado o principal do governo dele.

Os debates televisivos ditam os rumos da campanha presidencial de 2016 na série. Tanto o debate em si, quanto a repercussão dele são acompanhados pelos personagens. Inclusive, Claire acompanha pela televisão o debate em que Frank planejou desestruturar a candidata Heather Dunbar por meio da outra concorrente Jackie Sharp. Os telejornais recebem comentaristas para analisar o desempenho dos políticos no evento.

O trabalho do comentarista político com na TV com problematizações direciona os acontecimentos da quarta temporada. Uma segunda morte acontece no núcleo jornalístico: a de Lucas Goodwin. O repórter sai da cadeia e continua com sua obsessão em desvendar as tramas do então presidente Underwood. Ao não conseguir apoio, o rapaz surta e comete um atentado contra o então Underwood. Goodwin atira contra o presidente e é atingido pela equipe de segurança. Além de Goodwin, morreu um guarda-costas e Underwood foi internado em estado grave.

Na quinta temporada, intrigado com as circunstâncias da morte de Zoe Barnes, Tom Hammerschmidt chega a indícios de supostas manobras políticas realizadas por

Underwood. Uma das possíveis irregularidades coloca o presidente na mira de uma investigação no Congresso que culmina em um pedido de *impeachment* contra ele.

O fim da quinta temporada, a última lançada até o momento, é desencadeado por uma sucessão de fatos que representam o uso do jornalismo como massa de manobra política. O então presidente envia cartões de aniversário anônimos para Hammerschmidt com informação secretas do próprio governo dele. Entre elas, estava o fato de a Casa Branca ter inventado um ataque terrorista para atrapalhar as eleições. Ele faz isso para desestabilizar a própria gestão e renunciar e sair do foco, como planejado. Em paralelo, Doug Stemper, chefe de gabinete de Underwood, concede uma entrevista à Hammerschmidt e assume a culpa da morte de Zoe Barnes.

3. HOUSE OF CARDS: INTERFERÊNCIAS MÚTUAS ENTRE POLÍTICA E JORNALISMO

Segundo Gil (2002), a constituição do *corpus* da pesquisa pode ser feita a partir de duas regras: exaustividade e representatividade. Optamos pela segunda regra uma vez que os levantamentos nas pesquisas sociais, como aponta o autor, “de forma geral, abrangem um universo de elementos tão grande que se torna impossível considerá-los em sua totalidade” (2002, p. 121), sendo necessário trabalhar com uma amostra.

Um trabalho exploratório de todos os episódios da série foi necessário para que fossem identificados e observados os momentos da narrativa (cenas) em que aparecem, de modo mais significativo, as representações acerca do jornalismo político. Verificamos que o jornalismo aparece predominantemente de três modos ao longo da narrativa: os bastidores da notícia (a produção do noticiário), o noticiário em si e a mídia como o próprio local do acontecimento.

Optamos, em vez de analisar cada capítulo da série, observar as cinco temporadas em blocos, ou seja, como conjunto de capítulos. O grupo definiu quatro categorias que servirão de base para perceber as representações do jornalismo político. A partir delas, será possível notar qual a trajetória do jornalismo na série, de forma ampla, não fragmentada em cada episódio.

As categorias são as seguintes: i) *O jornalista como ator social*, ii) *representações sobre o jornalismo*, iii) *relações entre fonte e jornalista* e iv) *discursos sobre a temática*

da ética jornalística. Cada uma das cinco temporadas da série é composta por 13 episódios, mas o que se observou é que as categorias elencadas nem sempre estão presentes nas cinco temporadas. Sendo assim, definimos por estabelecer uma visada, por categoria, para cada temporada.

Na categoria *O jornalista como ator social* será observado como o comportamento profissional dos jornalistas interfere nos acontecimentos da sociedade. Observaremos as consequências que o conteúdo publicado causa na vida dos personagens na série e em quais momentos o jornalismo torna-se fundamental para uma guinada da narrativa da série. Na categoria *Representações sobre o jornalismo*, busca-se mostrar como o ofício do jornalista é representado em cada temporada - se por meio das redações jornalísticas, de noticiário televisivo ou de assessoria de comunicação e ainda se sob estereótipos ou não. Em *Relações entre fonte e jornalista*, será averiguado como o jornalista político se relaciona com suas fontes na série. Situações como relações amigáveis, trocas de informações e favores, além de relacionamentos afetivos serão observados neste item. Por fim, na categoria *Discursos sobre a temática da ética jornalística*, a proposta é verificar como os jornalistas de *House of Cards* se relacionam com a ética da profissão e qual a postura escolhida por eles durante momentos chave na série.

4.1 JORNALISMO COMO ATOR SOCIAL

Analisa-se, nesta categoria, como o comportamento profissional dos jornalistas da série atinge o âmbito social da trama e o desenvolvimento dos acontecimentos. Na primeira temporada, a jornalista Zoe Barnes publica matérias que desencadeiam escolhas e direcionam os rumos políticos. Através de vários furos, o trabalho de Barnes funciona como gatilho para que outros profissionais da mídia olhem para determinado acontecimento em detrimento de outros.

Na segunda temporada, o jornalismo funciona como ator social principalmente por meio do uso da mídia por parte de personagens que querem vazar informações e manchar a imagem de outros. Isso acontece durante todos os episódios na guerra travada entre o então vice-presidente Frank Underwood e o lobista Raymond Tusk. Esse cenário de ataques através da mídia evidencia a consciência que as personagens têm acerca do poder da imprensa.

Um ponto interessante do jornalismo como ator social na terceira temporada acontece após o interrogatório de Claire Underwood no Supremo Tribunal, quando ela é cotada para o cargo de embaixadora das Nações Unidas. Após um escândalo por uma resposta da primeira dama, em um jornal televisivo, uma âncora conversa com uma repórter que está no Capitólio e elas discutem sobre a votação. Nesse caso, é possível considerar que essa discussão do assunto entre os jornalistas é uma tentativa de levar à sociedade perspectivas diferentes sobre a questão, elucidando o espectador sobre os acontecimentos.

Na quarta temporada é possível perceber que o agendamento de assuntos na imprensa por parte de personagens poderosas volta com maior intensidade. Frequentemente, a imprensa é usada como ferramenta para atingir determinados fins. A quinta temporada manifesta a inconformidade das personagens quanto ao que é divulgado na mídia. Em muitas situações, elas tentam controlar o que deve ou não ser divulgado.

4.2 REPRESENTAÇÕES SOBRE O JORNALISMO

Percebemos que, na primeira temporada, o jornalismo é representado de forma significativa de três formas: através do embate entre uma geração mais conservadora e uma mais modernizada, que está em busca de novas plataformas; através da rotina do jornalista no processo de produção, apuração e publicação da matéria; e no noticiário televisivo que está sempre presente e repercutindo escândalos e reportagens de outras plataformas. As coletivas de imprensa e pronunciamentos dos políticos não são muito recorrentes nessa temporada.

Logo na primeira temporada observamos o papel importante dos jornalistas, alguns que são personagens e outros que aparecem apenas representando a imprensa. Outro ponto interessante é que o noticiário televisivo é utilizado como estratégia de montagem audiovisual. Como exemplo, no Capítulo 11, quando Peter Russo morre, acompanha-se a reação das personagens da série e o que liga uma cena a outra é o noticiário televisivo, que todos assistem.

O jornalismo passa a ser representado de forma bastante incisiva pela figura do assessor de imprensa na segunda temporada. Há também uma preocupação significativa das personagens quanto à sua imagem na imprensa, demonstrando a consciência da

importância da mídia. Por isso, o assessor trabalha para que não haja qualquer impressão negativa sobre seus assessorados.

Dos 12 episódios da terceira temporada, dez têm pelo menos uma coletiva ou um pronunciamento televisivo. O assessor (Seth Grayson) do presidente aparece várias vezes em coletivas na Casa Branca. O primeiro casal e Seth tratam a imprensa como o lugar de não dizer a verdade, mas aquilo que eles precisam que o público creia que acontece. Através das jornalistas Ayla Sayyad e Kate Baldwin acompanhamos o processo de produção das notícias e busca de fontes na terceira temporada.

Vemos, na quarta temporada, grandes jornalistas no jornal impresso, a presença constante da televisão durante a campanha eleitoral, muitas coletivas com o assessor presidencial e os comentários dos âncoras de TV sobre o cenário e postura dos políticos. Dos 13 episódios, apenas um não tem coletivas ou pronunciamentos. Há, também, a volta bastante significativa do jornalista Tom Hammerschmidt, que cumpre o papel de um jornalista investigativo independente.

Na quinta temporada, a imprensa acompanha de perto todos os acontecimentos, principalmente a televisão. Os comentaristas aparecem com maior frequência. O número de coletivas de imprensa é menor em comparação às duas temporadas anteriores.

4.3 RELAÇÃO JORNALISTA E FONTE

Nesta categoria, observa-se a relação entre os jornalistas e suas fontes. A partir da análise de *House of Cards*, é possível perceber que algumas personagens tentam utilizar a imprensa como ferramenta de manobra. Entre as estratégias utilizadas, está o vazamento de informações confidenciais de inimigos ou informações internas que não poderiam ser divulgadas pelos meios oficiais. Frank evidencia a força dessa lógica ao afirmar que "quando você acaba consigo mesmo antes que alguém faça isso, você controla como isso acontece". Em todo enredo, percebe-se que as fontes tendem a dispensar atenção especial a jornalistas e veículos de maior prestígio social.

Na primeira temporada, a relação entre jornalista e fonte tem, basicamente, dois picos de representação que mostram comportamentos diferentes entre jornalistas. O primeiro é materializado entre o então deputado Frank Underwood e a jornalista Zoe Barnes, que desenvolvem uma relação pessoal-profissional um tanto quanto questionável,

envolvendo sexo e troca de favores. O segundo ápice é desenvolvido através da repórter Janine Skorsky, que busca construir ligações de confiança e credibilidade com as fontes.

No decorrer dos 65 episódios da série, nove personagens de jornalistas ganham nome na história. Na atuação de cada um deles, temos maneiras diferentes de alcançar fidelidade com fonte. A representação do conflito entre jornalista e fonte política é corroborada com as ameaças que ao menos seis dos principais jornalistas receberam enquanto exerciam a profissão. O ápice das ameaças acontece na segunda temporada, quando a repórter Zoe Barnes é assassinada por Frank Underwood.

Ao menos sete dos repórteres de destaque da série se depararam com declarações "em off". Isso acontece em dois tipos de situações: quando alguém pretendia vaziar alguma informação intencionalmente ou quando o repórter conquistou a fonte a ponto de convencê-la a dar entrevista - sendo que, em ambas, o entrevistado não deseja ser identificado.

Representantes políticos como deputados, senadores e presidentes são as fontes diretas às quais os jornalistas mais recorreram na série. Contudo, as fontes documentais também marcaram presença, principalmente em se tratando de documentos oficiais cujo conteúdo é usado para comprovar alguma informação ou serve de ponto de partida para a apuração. Em se tratando das fontes especializadas, as que mais aparecem são jornalistas que cobrem política. É perceptível a tentativa de alguns jornalistas em estabelecer laços mais próximos com a fonte. Para isso, eles se encontram em bares e restaurantes para conversar. Esse hábito é mais comum nas temporadas quatro e cinco.

Entre o jornalista e o ator político, muitas vezes, há o filtro das assessorias de imprensa e das declarações oficiais. Isso fica perceptível a partir das coletivas que aparecem em todas as temporadas, mas se tornam mais frequentes nas três últimas. Por outro lado, para conseguir os almejados furos, os repórteres da série precisam se valer de fontes próprias. Percebemos nesse contexto que os meios para se alcançar tais contatos varia de acordo com o profissional.

4.4 DISCURSOS SOBRE A ÉTICA JORNALÍSTICA

Definimos esta categoria para analisar como o discurso da ética jornalística aparece na série, através de quais personagens e com qual ênfase. Na primeira temporada, esses discursos são identificados a partir de personagens-chave que são jornalistas. Em uma das primeiras colaborações entre Frank Underwood e Zoe Barnes, a jornalista

questiona o político se determinada informação é verdade e ele responde: “Passará a ser quando você publicar”. Barnes elabora um discurso ético ao questionar se a informação era verdadeira, mas escolhe seguir com a publicação. O jornalista Tom Hammerschmidt defende o jornalismo tradicional, o método e a busca pela verdade. Em contrapartida, Zoe representa o embate constante dos limites éticos.

Lucas Goodwin, outro jornalista chave para a narrativa, abomina a estratégia usada por Zoe e a julga ao descobrir a relação que a jovem mantinha com Frank. Interessante notar que Lucas e Tom representam o arquétipo do jornalista tradicional dentro dessa temática, enquanto as mulheres Zoe e Janine buscam - ou buscaram - através do sexo a obtenção de informações privilegiadas. Essas representações constroem noções distintas dos limites éticos entre homens e mulheres dentro deste espectro.

O recorte da ética também aparece a partir dos dilemas cotidianos da profissão do jornalista. O que publicar, quais os critérios para selecionar uma informação, se deve-se ou não priorizar interesses econômicos, são questões que podem ser observadas na narrativa.

Outro discurso sobre a ética jornalística aparece na segunda temporada, quando Aylla Sayaad é confrontada pelo jornal em que trabalha quanto à publicação de uma matéria porque poderia prejudicar o veículo economicamente. Nesta ocasião, o discurso de Sayyad aborda o debate interesse privado *versus* interesse público. Isso mostra que, mesmo que o jornalista tenha a intenção de publicar uma matéria que denuncie pessoas importantes de maneira ética, sem espetacularização, fatos forjados ou insinuações irresponsáveis, depende também do veículo de comunicação agir de tal forma, priorizando o interesse público, do acesso à informação, em detrimento dos privados.

Apesar de personificar o jornalista ético na série, na quinta temporada Hammerschmidt marca uma entrevista com um pretexto e, no momento de entrevistar a fonte, aborda outros assuntos. Outro ponto a ser destacado é que, em diversos momentos da série, os jornalistas fingem sua identidade a fim de conseguir informações, ou criam mentiras para alcançarem algumas fontes.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível perceber que as personagens que têm proximidade e/ou relação com o poder em *House of Cards*, sejam elas jornalistas ou políticos, parecem ter consciência da

força com que a mídia, em especial a noticiosa, é capaz de impactar a sociedade. Sendo assim, analisando o jornalista como ator social na série, a todo o tempo há uma ocasião em que personagens potentes querem pautar - utilizando o agendamento da imprensa - ou acobertar um fato a partir de um jornalista ou pessoa envolvida com a mídia. Nessas situações, o jornalista é participativo de forma consciente ou inconsciente.

Outro aspecto a ser considerado são as entrevistas televisivas e declarações de jornalistas ou personagens-chave que marcam predominantemente a trama e se configuram como o centro das discussões nas temporadas. No decorrer dos capítulos, há inúmeros momentos em que uma entrevista televisiva interfere e gera novos acontecimentos e, geralmente, produzindo polêmica, o que faz as entrevistas serem consideradas ponto de partida para a reflexão e, na maioria dos casos, interferência na opinião pública.

Não raro, foi a atividade da mídia que mudou o rumo dos acontecimentos e modificou fortemente o cenário político de duas formas: quando os jornalistas investigavam a fundo e descobriam escândalos e tramas dos políticos ou quando os próprios políticos e seus assessores implantavam informações para serem divulgadas na imprensa. Na série, os assessores de imprensa têm o papel de procurar gerir a imagem dos políticos. Tanto os assessores quanto os políticos veem a imprensa como o local de dizer aquilo que o público quer ouvir e manipular a situação.

Percebe-se que a relação entre fonte e jornalista representada na série é baseada, principalmente, em tensionamentos. De um lado, os jornalistas lutam para reunir provas e declarações necessárias para fundamentar as reportagens; do outro lado, estão os representantes políticos, detentores de informações que batalham por um espaço na mídia. Apesar dessa dependência recíproca, em *House of Cards* é perceptível que há uma relação de dominação por parte do ator que tiver maior capital simbólico. Além disso, é evidente que a relação entre jornalista e fonte não é estabelecida nos mesmos moldes por todos os profissionais da imprensa representados na série. Sendo assim, ela é plural e depende da conduta ética de cada um.

House of Cards busca retratar bem os dilemas do jornalismo. A todo momento, as personagens se veem em situações em que um julgamento ético deve ser feito. A série mostra, no entanto, como pode ou não haver uma reflexão ética no momento em que as personagens são expostas a uma situação em que isso é necessário. Os dilemas vão da relação fonte-jornalista à decisão de publicar ou não uma matéria que não possua

informações suficientemente confirmadas ou que sejam tendenciosas. O cotidiano da profissão exige um exercício ético constante e a série mostra que a linha entre extremos é tênue.

Diante disso, é possível concluir que o jornalismo político representado em *House of Cards* possui um fortíssimo poder na sociedade, sendo que o jornalista, além de ser responsável por difundir informação, cumpre o papel de gatilho para o desencadeamento de acontecimentos que impactarão os rumos da política.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**, São Paulo: Atlas, 2014, p. 286

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: 2002.

HOUSE of Cards. Direção: James Foley e outros. Produção: Beau Willimon e outros. Maryland (USA): Netflix, 2013, On Demand.

HOUSE OF CARDS BRASIL. Disponível em <<https://houseofcardsbrasil.wordpress.com/>> Acesso em 04 de maio 2017.

HOUSE of Cards (Trilogia). Direção: Paul Seed. Produção: Jeremy Gwilt e Kem Riddington. London (UK): BBC, 1990, TV.

NETFLIX. **House of Cards**. 2013. Disponível em <<https://www.netflix.com/watch/70248289?trackId=13752289&tctx=0%2C0%2C6f177d61-d31c-4fae-bbda-ff2ba9f7f586-63132999>> Acesso em 07 de fev. 2017.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.

SALVADOR - O Martírio de um Povo. Direção: Oliver Stone. Produção: Brad H. Aroson. California (USA): Hamdale, 1986, DVD.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

TODOS os Homens do Presidente. Direção: Alan J. Pakula, Produção: Jon Boorstin, Michael Britton e Walter Coblenz. Washington (USA): Warner Bros, 1976, DVD.

TRAVANCAS, Isabel. **O jornalista como personagem de cinema**. In: XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. INTERCOM. 2001.